



SENTIDOS DE GÊNERO E SEXUALIDADE EM MEMES DO *INSTAGRAM*: UMA PERSPECTIVA DISCURSIVA¹

Lavínia Souza Reis²

Em um contexto tecnológico onde a comunicação no âmbito virtual torna-se predominante, os memes surgem como produções que, ao combinarem imagens, sons e textos, atuam na produção, circulação e contestação de sentidos. Diante disso, este trabalho tem como objetivo geral analisar discursivamente os efeitos de sentidos sobre gênero e sexualidade materializados em memes do *instagram*. Especificamente, busca-se: a) compreender como os memes reforçam e, simultaneamente, tensionam normas sociais sobre gênero e sexualidade; b) analisar os recursos linguístico-visuais que constituem esses processos de significação. Tomando o meme como gênero virtual cuja circulação é majoritariamente digital, o *Instagram* foi selecionado como espaço de constituição do arquivo.

Para a realização das análises, delimitou-se a página *@brazilianversion*, por apresentar um acervo de memes relacionados à temática abordada. Foram escolhidos quatro “quadros” da página: I) Toda pesquisa tem sua resposta; II) O melhor do Brasil é o brasileiro; III) Motivacional da semana; IV) *The best moments of brazilian tv show*. O embasamento teórico utilizado para abordar as definições de memes se baseia nas produções de Chagas (2020); Dawkins (2007). No que diz respeito aos conceitos de gênero e sexualidade, considera-se os escritos de Foucault (1988); Katz (2007). Na Análise de Discurso Materialista, apoia-se nos estudos de Lagazzi, (2009); Orlandi (1987, 2005, 2020); Pêcheux (2008). Aqui trouxemos apenas alguns primeiros gestos da análise de um dos memes do *corpus*, assim como os resultados preliminares gerais.

O espaço digital é compreendido como um campo discursivo atravessado por ideologia, tensões e disputas de sentido. Nas redes, os sujeitos se constituem ideologicamente, e suas formulações são produzidas a partir de relações sociais, históricas e simbólicas. O discurso digital, como qualquer outro, funciona sob determinadas condições de produção, que envolvem tecnologia, algoritmos e modos de circulação. Esses elementos integram a materialidade do discurso e participam da construção dos sentidos.

Todo enunciado é efeito de um já-dito que retorna e se atualiza (Orlandi, 2005, 2020); nos memes analisados, esse processo se realiza na relação entre o interdiscurso (as formulações anteriores sobre gênero e sexualidade) e o intradiscurso (que reorganiza essas memórias discursivas em uma nova formulação inscrita na cena digital). O meme é, assim, um lugar de retomada e deslocamento: repete, reproduz, mas também reinscreve e desconstrói sentidos, abrindo espaço para tensionamentos e reinterpretções.

¹ Pequeno recorte da pesquisa de mestrado que está em andamento.

² Mestranda em Letras no Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagens e Representações, da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Graduada em Letras com habilitação em Português, Espanhol e suas respectivas literaturas, pela Universidade Estadual de Santa Cruz.



Gestos de análise e discussão

O meme da personagem Lola, da novela *Beleza Fatal* (MAX), recortado pela página *@brazilianversion* em seu quadro “motivacional da semana”, se ancora na performance dramatizada de uma personagem fictícia, que, ao ser recontextualizado, adquire um teor social e político. A estética do meme já é significativa: sobre um fundo com céu azul e campo florido, inscreve-se o recorte de vídeo de uma cena marcante e viral da novela, acompanhada da música *Born This Way*, de Lady Gaga, canção muito popular na comunidade *queer*. A combinação entre a trilha sonora e o discurso exaltado de Lola compõe um gesto de interpretação que desloca o sentido da fala original, reinscrevendo-a em outro campo de efeitos de sentido.

Pensando nas diferentes materialidades discursivas (Lagazzi, 2009) a fala, a imagem, o quadro motivacional, a novela, a música e o próprio formato digital se articulam na constituição do sentido. O discurso não se reduz à palavra; inscreve-se em diferentes materialidades. No digital, essas materialidades ganham novas condições de funcionamento marcadas pela lógica de algoritmos, pela velocidade da circulação e pela estética das redes que atuam no processo de produção desses sentidos.

Figura 1 - Frame Lola em beleza fatal



Fonte: *@brazilianversion*³

O enunciado segue o seguinte encadeamento: “Porque *gay* é o novo hétero, né? Eles querem casar, ter filho... Agora os héteros tão por aí ó... se divorciando, traindo... fazendo suruba. Viva as *gays, gays, gays, gays!*”. O que se apresenta inicialmente como uma observação irônica, transforma-se em uma espécie de celebração. Esse encadeamento verbal constitui discursivamente uma inversão de normas: os *gays* assumiriam hoje o lugar de estabilidade, enquanto os héteros se entregariam à “desordem” conjugal e moral.

³ Vídeo disponível para reprodução em: https://www.instagram.com/p/DHBMhJhOS1w/?hl=pt-br&img_index=1.



O gesto é profundamente irônico, mas também estratégico. É pela via do exagero e da inversão que a norma é exposta como construção histórica, o humor aqui não esvazia a crítica; ao contrário, ele a intensifica. Esse gesto retoma o que Katz (2007) aborda sobre a invenção da heterossexualidade já que o “lugar” de estabilidade nunca foi natural, mas resultado de um processo histórico e discursivo, segundo ele a heterossexualidade não é uma essência atemporal ou uma verdade universal; é uma invenção histórica específica, surgida em um contexto cultural e social determinado, e que se consolidou por meio de discursos médicos, jurídicos e religiosos.

O fragmento “*gay* é o novo hétero” expressa uma operação de substituição ou reinvenção de valor, a escolha das palavras ativa um efeito de equivalência simbólica entre aquilo que “antes era” normativo (o heterossexual) e aquilo que ocupava o lugar da dissidência (o *gay*). Essa equivalência, no entanto, constitui-se de modo irônico: o enunciado produz uma inversão que não instala uma nova norma, mas desestabiliza o próprio modelo normativo. Considerando o funcionamento discursivo, todo dizer se ancora em um já-dito; neste caso, trata-se dos sentidos historicamente estabilizados sobre sexualidade, família e normalidade que circulam socialmente. Ao formular essa inversão, o discurso não apaga a norma heterossexual, mas a expõe, ironiza e desloca, tornando visível sua ficcionalidade.

Essa dinâmica permite articular o funcionamento do meme ao modo como determinados dizeres sobre sexualidade são socialmente incitados e autorizados. Como aponta Foucault (1988, p. 15-16), “o ponto essencial [...] não é tanto saber o que dizer ao sexo, sim ou não [...] mas levar em consideração o fato de se falar de sexo, quem fala, os lugares e os pontos de vista de que se fala, as instituições que incitam a fazê-lo”. Desse modo, o efeito irônico do enunciado não se limita ao conteúdo da frase, mas reinscreve o dizer sobre a sexualidade dentro dessa cena enunciativa ampliada, evidenciando os regimes que incitam, autorizam e organizam quem pode falar e de que modo pode fazê-lo.

Quando o enunciado afirma que “eles [os *gays*] querem casar, ter filho...”, o dizer retoma a memória discursiva dos direitos civis e da busca por reconhecimento social. O casamento entre pessoas do mesmo sexo, amplamente debatido nos últimos anos, ocupa o centro de uma disputa de sentidos: para muitos, é uma conquista de igualdade; para outros, a normalização daquilo que é considerado dissidente/anormal. Ao reinscrever isso em tom humorístico, o enunciado produz o efeito de que os *gays* seriam agora os “normais”, aqueles que desejam família e estabilidade. Essa formulação funciona como uma paráfrase irônica de discursos institucionais e jurídicos e, ao mesmo tempo, abre espaço para a polissemia, pois é suficientemente ambígua para ser lida tanto como crítica à normatização quanto como celebração do avanço de direitos. A polissemia, aqui, não é ruído: é constitutiva do sentido.

A sequência “Agora os héteros tão por aí ó... se divorciando, traindo... fazendo suruba” radicaliza a inversão. O que era considerado “normal” (o casal heterossexual monogâmico) agora aparece como instável e desorganizado. Katz (2007) reforça essa inversão conceitualmente ao afirmar que ela não constitui apenas uma troca de posições, mas um questionamento da lógica binária normal/desviante: ao inverter os polos, revela-se a arbitrariedade da estrutura que sustenta essa oposição. A cena se encerra com o grito: “Viva as



gays, gays, gays, gays!". A repetição produz um efeito de intensificação que inscreve o dizer em uma cena de celebração coletiva da dissidência, ainda que marcada pela ironia e pelo exagero. Nesse movimento, a repetição opera como deslocamento: o enunciado, ao circular em outras condições de produção, rompe com expectativas normativas e expõe as fissuras da própria ordem discursiva que pretendia regulá-lo.

O uso da música *Born This Way* compõe de forma significativa os efeitos de sentido do meme. Ao inserir essa trilha sonora, a montagem retoma dizeres presentes no interdiscurso, uma vez que a canção associada à luta LGBTQIA+ e aos discursos de empoderamento e visibilidade, oferece ao meme um valor simbólico que não pertence à cena original da novela. Isso evidencia que o sentido não reside na palavra isolada, mas na articulação entre elementos materiais e simbólicos que circulam socialmente. Do ponto de vista ideológico, o meme opera de modo complexo: ele repete um discurso televisivo, reinscrevendo-o em outra rede de sentidos. A partir da AD materialista, compreendemos que a ideologia não se manifesta apenas nos conteúdos explícitos, mas nos efeitos de evidência; e, nesse caso, o meme desloca essas evidências ao reconfigurar o "óbvio". Não é "óbvio" que *gays* queiram casar; não é "óbvio" que héteros sejam promíscuos; tampouco é "óbvio" que haja algo a ser comemorado, mas a montagem transforma essas não-obviedades em piada, e a piada, aqui, é política.

O enunciado retoma memórias discursivas sobre sexualidade, família e normalidade. Ao afirmar que "gay é o novo hétero", realiza-se um gesto de inversão: a heterossexualidade, tradicionalmente significada como estabilidade e moralidade, surge como instabilidade e desordem; a homossexualidade assume o lugar simbólico da norma. Tal deslocamento não substitui um modelo por outro, mas expõe a construção ideológica que sustenta a própria noção de normalidade. O humor funciona como operador discursivo, intensificando a crítica e revelando o caráter histórico e ficcional da norma. No funcionamento do discurso, há famílias parafrásticas que apontam para essas possibilidades de sentido. O enunciado pode ser lido como ironia, como celebração ou como crítica à normalização da dissidência. A ambiguidade, nesse caso, não é ruído, mas parte da produção do sentido.

A análise mostra que o meme não apenas repete uma cena televisiva, mas a reinscreve em outra rede de sentidos. O recorte da fala de Lola, ao ser deslocado de seu contexto original e reinscrito no ambiente digital, transforma-se em acontecimento discursivo. O riso e a ironia produzem estranhamento, desestabilizando as evidências do "normal" e marcando o caráter ideológico das categorias de gênero e sexualidade. Compreender os memes sob a ótica da Análise do Discurso materialista implica reconhecê-los como práticas discursivas complexas, que operam na tensão entre repetição e deslocamento. O meme de Lola nos ajuda a compreender que o digital não é apenas meio de circulação, mas condição de produção de sentidos, no cruzamento entre memória, materialidade e ideologia, o discurso se atualiza e se reconfigura.

REFERÊNCIAS

CHAGAS, V. (org.). **A cultura dos memes**: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital. Salvador: Edufba, 2020.



DAWKINS, R. Memes: os novos replicadores. *In*: DAWKINS, R. **O gene egoísta**. Trad. Rejane Rubino. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. cap. 11, p. 143.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Trad. M. T. da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

KATZ, J. N. **The invention of hetero sexuality**. 2. ed. Chicago: University of Chicago Press, 2007.

LAGAZZI, S. O recorte significativo na memória. Apresentação no III SEAD – Seminário de Estudos em Análise do Discurso, UFRGS, Porto Alegre, 2007. *In*: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L.; MITTMANN, S. (org.). **O discurso na contemporaneidade**: materialidades e fronteiras. São Carlos: Claraluz, 2009. p. 67-78.

ORLANDI, E. P. **A Linguagem e seu funcionamento**. 2. ed. Campinas: Pontes, 1987.

ORLANDI, E. P. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. 2. ed. Campinas: Pontes, 2005.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 13. ed. Campinas: Pontes, 2020.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. 5. ed. São Paulo: Pontes, 2008.